



A VOZ ATIVA DA CULTURA PRETA

Crítica do espetáculo *Virado à Paulista*, do grupo Cênica, apresentado na 35ª Semana Luís Antonio Martinez Corrêa – Festival de Teatro

Por Júlia Lise

Visando salientar suas raízes, por meio do samba, elementos das religiões de matrizes africanas e cordões carnavalescos, os artistas começam se aquecendo e chamando cada vez mais a atenção de quem está pelo local. A praça, um lugar público, informal, acessível e cotidiano recebe tambores, pandeiros, cantos e danças convidando quem passa para o clima de celebração.

O espetáculo começa com a representação da figura do homem branco extremamente obcecado pelos dogmas da religião imposta, o cristianismo, e intolerante a qualquer outra diversidade cultural. Este homem carrega a imagem mais conhecida de Jesus Cristo, isto é, aquela que está dentro dos padrões da estética europeia (pele branca e olhos claros).

Visto que o espetáculo traz a questão da representatividade, ressaltar o povo que está (e deve estar) presente e evidenciar uma cultura constantemente apagada, pergunto: será que é necessário representar também os opressores? Será que não dá indícios de naturalização dessa figura? Esse mesmo personagem interage com as pessoas pretas da plateia (representando uma pessoa racista), será que esta atitude é necessária, levando em consideração as questões pessoais/emocionais do público preto?

Nesta cena, uma das artistas - uma mulher preta - segura a figura de Jesus Cristo formando uma imagem contrastante entre a religião imposta e a busca da liberdade de seguir sua ancestralidade. O contraste desta imagem recém formada é muito interessante por demonstrar a imposição constante da religião cristã, enquanto a personagem indica uma ideia de não-adesão ao elemento que está segurando.

Em meio aos cantos, os personagens partem para um dos ápices do espetáculo em que se deitam no chão e, com giz, contornam seus corpos que se assemelham a seus ancestrais deixando marcas de seus formatos, como se outra pessoa também pudesse estar ali. Dessa forma, é interessante o ato de desenhar/escrever deixando rastros visuais (rastros que ficam) além da



fala, podendo reforçar de diversas maneiras sua mensagem. Trazendo assim, nomes pretos, trabalhos pretos, conquistas pretas que precisam sempre ser ressaltados. Penso na possibilidade de experimentar, nos ensaios, uma troca de lugar entre os atores, a qual cada um se deita sobre as marcas do outro.

A partir do fato de que, ao colocar um personagem racista na cena ele fica com um certo protagonismo, questiono: não seria mais interessante colocar o povo preto totalmente em evidência na posição de agente ativo do próprio movimento, no qual denunciam preconceitos e relatam suas próprias histórias, dispensando assim a representação do racismo? Aprendo e relembro que é por meio da celebração, da música, da dança, da união e do reconhecimento das origens que se trata a cultura vinda da África, uma cultura riquíssima que realmente precisava ser compartilhada em um espaço público pelo teatro de rua.

* Este texto é um desdobramento prático-pedagógico da ação formativa “*Introdução à crítica teatral: por uma poética do olhar*”, ministrada por Guilherme Diniz (MG), como parte da programação da 35ª Semana Luís Antônio Martínez Corrêa *

Apoio:



Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários

Parceria:

Realização:

Secretaria Municipal de Cultura e Fundart



Prefeitura Municipal de Araraquara